

AMOR E TERROR NA VISÃO DE SI:*

Narciso e outros mitos sobre o duplo

Maria Gercileni Campos de Araújo**

RESUMO

Este texto tematiza a relação do homem consigo mesmo, com seu próprio self. Investiga a problemática da visão do duplo de si para o indivíduo a partir de estudos realizados por Otto Rank, James Frazer e outros antropólogos e cientistas sociais, sobre mitos, crenças e tabus, reguladores sociais desde os tempos imemoriais. Abordam-se crenças de povos primitivos e suas cogêneres em comunidades ocidentais mais recentes. Em seguida, analisa-se o mito de Narciso como emblemático da temática amorosa e terrorífica da visão do próprio reflexo, presente na cadeia de mitos sobre o duplo. Por fim articula-se a saga de Narciso ao drama do herói de "O estudante de praga", filme inspirado num conto de Hoffmann, que problematiza a questão da visão do Duplo.

Palavras-chave: Narciso, mitologia, duplo de si.

ABSTRACT

This paper focalizes the relationship of the human being with himself, by the investigation of the questions concerning the vision of oneself's double or oneself's reflex. It shows studies accomplished by Otto Rank, James Frazer and other anthropologists and social scientists, about myths, believes and taboos, which are social regulators since the immemorial time. The primitive people's believes and those ones concerning recent ocidental communities are approached. Then, the myth of Narciso is analysed as an emblem of love and terror themes, both present in all the myths about the vision of the double, about the vision of oneself's reflex. At last, the saga of Narciso is compared to the hero's drame of the film "The Student of Praha", which is inspired in a Hoffmann's tale about the double.

Key Words: The myth of Narciso, mythology, oneself's double.

* Esse artigo inspirou-se no trabalho realizado pela autora para o Dr. Luiz Roberto Monzani, seu professor no Curso de Especialização em Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise, UNICAMP, nos idos de 1987 a 1989.

** Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). (aposentada).

1. Introdução

As relações do indivíduo com seu próprio eu e a ameaça de seu aniquilamento pela morte parecem estar presentes no homem desde os tempos remotos e têm exercido influência notória sobre seus costumes, crenças e religiões. Instaurando mitos, rituais e tabus e servindo como fonte de inspiração para a arte e literatura. Partindo de estudos já realizados por Rank, Frazer, Campbell, constatamos mitos, crenças e tabus existentes entre povos primitivos desde os tempos imemoriais, que denunciam a importância concedida por essas sociedades às relações do indivíduo com o seu duplo. Essas sociedades chegaram mesmo a construir regras reguladoras de tais relações.

Além do exame dessas relações, não nos furtemos de considerar os vestígios do legado desses mitos e tabus às sociedades modernas e contemporâneas, realizando, aqui e ali, quando julgamos pertinente, alguma articulação entre eles, uma vez que, horridamente, a temática da produção das subjetividades e das relações do sujeito consigo vem sendo alvo de investigações e pesquisas em variados saberes da ciência contemporânea.

A trajetória que percorremos valeu-se também do mito de Narciso, como mito emblemático da relação do indivíduo com sua imagem refletida. Narciso foi aproximado da história do filme "O estudante de Praga"¹. Finalmente tratamos de localizar Narciso como um dos elos da cadeia de mitos que tem tratado da relação do sujeito consigo mesmo através dos tempos.

2. A imagem de si e o perigo

Uma primeira visada sobre os mitos, crenças e tabus, relativos ao duplo, à imagem refletida do indivíduo, mostra seu caráter terrorífico para o homem. Frazer (1982) e Rank (1973), entre outros estudiosos, contam que a imagem refletida do indivíduo tem a ele se apresentado como perigo iminente, presságio da morte e como anúncio de grandes infortúnios.

Para os povos primitivos, as formas do duplo, fosse a imagem refletida de si ou fosse a própria sombra, que também constitui uma imagem projetada de si, eram um bem a ser preservado, a ser cuidado pois denunciavam a existência da alma e constituíam, por

assim dizer, seus representantes externos. Se a alma era o princípio vital que animava os corpos e neles habitava, o reflexo, a sombra, eram seus representantes e, como tal, sua existência significava, para o homem, a garantia da permanência da alma no seu interior, logo, a imortalidade. Frazer (1982) nos diz que os povos primitivos explicavam a atividade humana pela presença da alma, enquanto o sono e o transe significavam sua ausência temporária e a morte sua ausência definitiva.

Se a alma abandonasse o corpo durante a vigília, isso poderia resultar em insanidade ou morte. Também se acreditava que, à hora da morte, poder-se-ia aspirar a alma do moribundo, que lhe escaparia pela boca, e assim, adquirir todas as qualidades do morto.

A análise inicial dessas crenças mostra como o homem precisava preservar o que considerava como manifestações exteriores da sua alma, pois qualquer ataque a estas ameaçava a alma interior. Sendo a sombra equivalente à alma, então era preciso defendê-la, pois ter a própria sombra atingida por uma facada, por exemplo, levaria a pessoa a morrer. Uma análise mais demorada permite afirmar que as crenças em torno do duplo vão agregar-lhe (ao reflexo e à sombra) uma significação terrorífica, que adicionará à atitude do indivíduo de proteger a própria sombra, uma atitude de evitação da visão de seu reflexo em espelhos ou nas águas da natureza.

A literatura é rica em exemplos que anunciam a visão terrorífica outorgada às várias formas do duplo por diversos povos. Vejamos alguns:

Frazer (1982) afirma que até mesmo em sonhos a visão do reflexo de si era considerada pelos gregos como sinal premonitório de morte.

Haberland (apud Rank, 1973) refere-se às cidades de Dalmatre e Oldemburg, onde se acreditava que se alguém olhasse para um espelho quando houvesse um cadáver na casa, esse alguém morreria. Acrescenta que na Alemanha, França e Lituânia era costume cobrir-se todos os espelhos da casa em caso de morte, uma vez que a alma do morto poderia fixar-se no espelho e tornar-se visível sob certas condições. Na Boêmia, pessoas doentes não poderiam olhar-se no espelho pois morreriam em pouco tempo se assim o fizessem.

Wuttke (apud Rank, 1973) conta que na Alemanha era proibido expor-se um cadáver diante de um

¹ O estudante de Praga, filme do diretor Hans Heins Ewers, cuja história é narrada por Otto Rank, em sua obra "Le Double", publicada pela Petite Payot, Paris, 1973.

espelho, pois se teria, então, dois cadáveres, e o segundo anunciaria uma segunda morte. Comenta o autor que, na Prússia oriental, se alguém visse no espelho uma figura ao lado de seu próprio reflexo, acreditaria que teria morte em breve. Na França, acreditava-se que quem olhasse no espelho à meia-noite perderia o seu reflexo, isto é, perderia sua alma, o que necessariamente traria a morte. [(Grim; Panzer; Stracberjan; Wolf; Alpenboriag; Wuntteke), apud Rank, 1973].

Muitas famílias indígenas da Indonésia impedem as crianças de se olharem em espelhos, porque elas podem perder a beleza e ficar disformes. Essa crença, embora não anuncie a morte, prevê infelicidade. Na mesma direção está a crença de que o espelho quebrado pode acarretar sete anos de azar e infortúnios. Crenças semelhantes a estas existem ainda hoje em certas regiões do Brasil. Por exemplo, no interior do Nordeste brasileiro, há pessoas que acreditam que espelho quebrado traz azar para quem o quebrou.

3. O duplo na literatura

As primeiras manifestações do tema do duplo remetem ao tempo recuado do folclore, da superstição e do nascimento das religiões. Apesar de tão antigo, este tema continua apaixonando estudiosos contemporâneos, que lhe têm dedicado estudos científicos, contos, romances, filmes, etc.²

A história do filme "O estudante de Praga", do cineasta Hans Heinz Ewers, inspirado num conto de Hoffmann intitulado "A história do reflexo perdido", que trata da relação do homem com o seu duplo, nos foi apresentada por Otto Rank e será objeto de nossa discussão mais adiante. Agora apresentaremos outros exemplos da literatura que ilustram a temática em questão.

O conto de Anderson intitulado "A sombra" segue a cadeia de mitos em torno do duplo. Relata a estória de um sábio, habitante dos países quentes, cuja sombra o abandonara. Muitos anos depois o sábio re-encontra sua sombra. Porém, esta havia se tornado um homem independente e rico e aos poucos vai dominando o sábio. Desejando casar-se com a filha de um rei, a sombra/homem tem a audácia de tratar o sábio como se ele fora sua própria sombra e, prometendo-lhe riqueza, tenta convencê-lo a agir como sua sombra

diante de todos, no dia do casamento. Revoltado, o sábio pretende desmascarar a sombra/homem, porém, esta frustra os planos dele, manda-o para a prisão, assegurando à noiva que sua sombra enlouquecera e pensava-se um ser vivo.

Rank (1973, p.18) refere o poeta francês Lenau, cuja poesia, "Anna", repete o tema da morte e da infelicidade ligados ao duplo. Anna era uma belíssima jovem que temia perder sua juventude e beleza caso se tornasse mãe. A seu pedido, uma feiticeira faz-lhe um sortilégio que a libera de sete crianças que deveria conceber. Durante sete anos de casamento a beleza de Anna permanece imutável, até que, certa noite à luz do luar, seu marido percebe que Anna não tinha sombra. Indagada, ela confessa sua falta. O marido a expulsa e Anna passa os próximos sete anos em penitência que lhe deixam marcas profundas em sua figura. Perdoada por um eremita, reconcilia-se com Deus e morre depois de ver numa capela as sombras das sete crianças que evitara conceber.

Os exemplos acima corroboram a saga terrorífica e perigosa do duplo para o indivíduo, como a denunciar a necessidade do homem de cuidar-se e defender-se de si mesmo, pois sua projeção externa oferece-lhe perigos desconhecidos.

Falar do desconhecido no âmbito destas reflexões nos remete a pensar nos aspectos inconscientes da condição humana, inicialmente estudados por Freud desde sua invenção da Psicanálise. E hoje, praticamente nenhum saber das ciências humanas pode ignorar a importância e influência do inconsciente, quando da análise das construções simbólicas do homem. Certamente as lendas, crenças, mitos e tabus têm recebido, sobretudo da Psicanálise e da Teoria analítica de Jung, a atenção devida.

Agora, ocorre-nos indagar sobre a travessia de significações do duplo para o homem. Dito de outra forma, por que razão a significação das formas do duplo como um bem a ser preservado se secundariza, salientando-se a primazia do sentido terrorífico, do duplo como ameaça de aniquilamento e presságio de morte?

Gostaria de tecer algumas considerações. Ora, do nosso ponto de vista, inicialmente a sombra e o reflexo de si **representavam** a existência da alma que habitava no interior do indivíduo. Estando no interior

² Ver o livro "O Retrato de Dorian Gray" de Oscar Wilde, que trata da relação de um jovem consigo mesmo, através de uma pintura de si que, com o passar dos anos, envelhecia e ficava feia, retratando-lhe os defeitos da alma, enquanto Dorian Gray mantinha-se belo e saudável.

do indivíduo, este poderia exercer um certo gerenciamento sobre ela. O perigo vinha de fora, de outro que não o próprio duplo. A este era preciso proteger. Mais tarde as várias formas do duplo passam a equivaler à alma. A equivalência entre "sombra", "reflexo de si" e "alma"³ vem acompanhada de uma significação terrorífica. Supomos que essa equivalência projetou a alma para fora do homem, para fora do si mesmo. Retirando-a do interior do homem, onde habitava, outorgou-lhe uma quase concretude e independências externas. A sombra e o reflexo de si seriam a própria alma e não mais apenas um sinal de sua existência dentro do indivíduo. Assim sendo, ver a sombra, ver o reflexo, significava ver a alma. Projetada para fora, como reflexo ou como sombra, colocava-se longe, fora do indivíduo, distante de seu gerenciamento, logo, poderia tornar-se independente e para ele constituir perigo iminente. A história do sábio abandonado e traído pela própria sombra, que se tornou independente, radicaliza a visão terrorífica do duplo.

Paralelamente ao significado aterrorizante do duplo, aparecem, em algumas circunstâncias, outros significados como, por exemplo, o significado premonitório sobre o futuro. Wuttke (apud Rank, 1973) refere que em Oldenburg as pessoas crêem poder enxergar o futuro se, à meia-noite, olharem-se num espelho iluminado apenas por duas velas e chamarem alto o próprio nome.

A complexidade do jogo de significações referente aos mitos em geral está presente em toda a mitologia em torno da questão de ver a si mesmo, de encarar a própria imagem. Por isso não causa estranheza quando novas histórias sobre o duplo acrescentam-lhe nova significação, desta feita uma significação amorosa. É o que nos conta Otto Rank quando afirma:

Tradições claramente tardias, porém espalhadas a partir daquelas nas quais os jovens podiam ver seus amados no espelho, sob as mesmas condições em que habitualmente nada havia além do anúncio da morte e infelicidade, nos mostram bem que a significação mortal do Duplo tende igualmente a ser substituída por uma significação amorosa.

A significação amorosa da visão do reflexo faz parte do imaginário popular brasileiro. Ainda hoje

é tradição no Nordeste do Brasil, nas festas juninas, sobretudo nas dedicadas a Santo Antônio, o santo casamenteiro, as moças usarem bacias d'água à meia-noite para tentar enxergar a figura do futuro companheiro junto ao seu próprio reflexo, nas águas da bacia.

De posse dessas significações, examinaremos a história de "O estudante de Praga" para em seguida articulá-la ao mito de Narciso.

4. O estudante de Praga

Balduin é um jovem que, tendo dilapidado toda a sua riqueza, abandonara os amigos e sua namorada, chamada Lyduschka. Certo dia, ao andar na rua, um misterioso velho o aborda e pede-lhe esmola. Chama-se Scapinelli e sai acompanhando o jovem em um passeio na floresta. Nessa ocasião, vê Balduin salvar de uma queda de cavalo uma condessa que estava a cair. Agradecida, a condessa convida o jovem até o castelo onde mora e lá apresenta Balduin a seu pai e a seu noivo. Balduin deixa o castelo seriamente impressionado com a beleza da condessa, em quem causara, por sua vez, forte impressão.

Certo dia, Balduin estava em seu quarto, em frente a um espelho, exercitando-se na esgrima, quando aparece Scapinelli. Este lhe oferece imensa fortuna desde que Balduin lhe permita levar consigo aquilo que mais lhe agrada no quarto do jovem. Rindo, Balduin mostra ao velho as paredes nuas, a mobília sumária e assina o contrato que Scapinelli lhe propõe. O velho finge procurar qualquer coisa pelo quarto sem encontrar, até que mostra ao jovem sua imagem refletida no espelho. Acreditando tratar-se de uma brincadeira, Balduin permite que o velho leve seu reflexo, mas fica francamente horrorizado ao ver sua imagem saindo do espelho e acompanhar Scapinelli pela rua.

Tornado rico e elegante, Balduin passa a frequentar bailes onde possa rever sua adorada condessa. Certa noite, em um baile, está quase a lhe declarar o amor quando o idílio é interrompido pela chegada do noivo da condessa no terraço onde estavam. Lyduschka, a ex-namorada do jovem, disfarçada de vendedora de flores, espreitava a cena. Balduin está refletindo ainda no terraço quando vê seu próprio reflexo apoiado em uma coluna. Balduin fica estupefado. Antes de deixar o castelo, o jovem manda à condessa um bilhete escondido num len-

³ Nas línguas de alguns povos primitivos, a palavra que designa "alma" também designa imagem, reflexo, sombra. Ver Frazer op cit.

ço que ela deixara cair. No bilhete marca um encontro para a noite seguinte, no cemitério.

Na noite seguinte, Balduin e a condessa encontram-se no lugar combinado. Quando Balduin se prepara para dar o primeiro beijo na condessa, volta-se subitamente e vê seu Duplo aparecer por trás de uma pedra. Enquanto a condessa foge assustada, Balduin tenta em vão agarrar o espectro que desaparece bruscamente.

Nesse ínterim, Lyduschka, inconformada com o abandono de Balduin, conta ao noivo da condessa sobre o romance desta com Balduin. Lyduschka seguira a condessa até o cemitério sem que ela percebesse. O barão, noivo da condessa, desafia Balduin para um duelo, mesmo sabendo que este tinha notável talento na esgrima. O pai da condessa pede a Balduin que poupe seu futuro genro, o único herdeiro de seu nome - o barão era primo da condessa. Balduin cede ao pedido e promete não matar o barão. Na data combinada, quando estava se preparando para o duelo, Balduin encontra na floresta seu Duplo com uma espada ensangüentada na mão. Antes mesmo de chegar ao local do duelo, Balduin vê de longe o adversário morto e percebe que fora seu Duplo quem o matara. Em vista do fato, todos se recusam a recebê-lo no castelo. Balduin procura esquecer sua desgraça no jogo e na bebida, indiferente à presença de Lyduschka, que tenta em vão seduzi-lo.

Certa noite, Balduin consegue chegar até o quarto da condessa e joga-se a seus pés soluçando. Ela o perdoa e seus lábios se encontram no primeiro beijo. Mas, voltando-se casualmente para um espelho, a condessa percebe que o reflexo de Balduin não aparece junto ao seu, refletido no espelho. Assustada, ela lhe pergunta o porquê. Enquanto Balduin tenta esconder seu rosto envergonhado, seu Duplo aparece na porta fazendo-lhe caretas⁴.

A condessa desmaia e Balduin esconde-se apavorado. Doravante, o Duplo o persegue por todo lugar. Ele foge, atravessa ruas, montanhas, vales e florestas. Até que por fim encontra uma carruagem, toma-a e pede ao cocheiro que parta a toda velocidade. Depois de uma corrida louca, Balduin cren-do estar a salvo, desce da carruagem, mas quando

vai pagar a corrida, percebe enlouquecido que o cocheiro era seu Duplo. Consegue escapar, mas agora vê o Duplo em todos os cantos. Mesmo assim consegue chegar em casa. Tranca portas e janelas e carrega a pistola para acabar de vez com a vida. Quando está escrevendo seu testamento, vê novamente seu Duplo fazendo-lhe caretas, escarnecendo-o. Louco de raiva, Balduin saca a pistola e atira na imagem, que subitamente desaparece. Exultante, Balduin retira as cobertas de um espelho e finalmente, depois de muito tempo, ousa olhar-se lá. No mesmo instante sente uma dor no ombro esquerdo, vê sua camisa cheia de sangue e percebe que atirara em si mesmo. Balduin tomba morto. Aparece Scapinelli que, zombeteiro, atira o contrato sobre o cadáver.

O filme, narrando esta estória, termina mostrando o túmulo de Balduin, onde está sentado o seu duplo, tendo consigo um pássaro preto, companheiro fiel de Scapinelli.

5. O mito de Narciso

Conta-nos a lenda que uma ninfa chamada Liríope consultara o sábio Tirésias - aquele que cego dos olhos sabia ver o futuro - se seu filho Narciso teria vida longa. Tirésias respondera-lhe: "Sim, se não se vir".

Narciso cresce belo e aos dezesseis anos apaixonam-se por ele moços e ninfas. Nenhum deles porém é premiado sequer com um gesto amoroso de Narciso.

Eco, a quem a deusa Juno, por vingança,⁵ condenara a somente repetir as últimas palavras ou sons emitidos por outrem, também cai de amores por Narciso. Depois de espreitá-lo e segui-lo longo tempo, consegue aproximar-se do jovem. Mas Narciso rejeita seu amor e Eco esconde-se na floresta, consumindo-se no afeto desprezado até que se transforma em pedra.

Um belo dia, ao tentar saciar sua sede numa fonte de águas cristalinas, Narciso vê, pela primeira vez, sua imagem, refletida no lago. Não sabe de quem se trata, fica fascinado. Inconsciente de que o belo jovem que o olha fascinado de dentro das

⁴ No original "Grimacante".

⁵ Segundo o mito narrado por Ovídio, Eco era uma ninfa muito falante que ficava a distrair Juno, esposa de Jupiter, para que esta não o surpreendesse enquanto ele se deitava com outras ninfas na montanha. Quando descobre o ardil de Eco, Juno dá-lhe um castigo: "com essa língua que tanto me fez ser iludida, pouco poderás fazer e terás um uso brevíssimo das palavras". É por isso que Eco pode apenas repetir o que ouve. Ver Ovídio, *metamorfosis*, ed. Universidade Nacional Autónoma do México, livro III, 1979.

águas ninguém mais era do que a sua própria imagem refletida, Narciso apaixonou-se pelo que vê. Tenta inutilmente estreitar nos braços e beijar com ardor aquele a quem ama. Pouco a pouco, percebe que aquele belo jovem diante de seus olhos era ele mesmo refletido na água. Toma consciência da impossibilidade do amor que sente, consome-se em desespero e termina por golpear-se seguidas vezes no dorso nu, até que perde a força, o vigor, a estonteante beleza e tomba morto na grama. A profecia do sábio Tirésias fora confirmada.

6. Reflexões sobre o mito de Narciso

A partir de nossa reflexão sobre Narciso, distinguimos no mito três momentos sucessivos e apontamos alguns temas que nos parecem presentes na trágica estória do belo jovem.

Os momentos são:

- 1 - Momento de fascínio por uma imagem ainda desconhecida;
- 2 - Momento de percepção de que a imagem amada era a dele mesmo;
- 3 - Momento de consciência da impossibilidade do seu amor.

Os temas que destacamos no mito são: o fascínio, a dor, a loucura, a consciência e a morte, todos eles ligados à temática central da visão do duplo como sinal de perigo mortal.

O primeiro momento traz o tema do fascínio. Narciso ainda não sabe quem é aquele por quem arde de amor. Está fascinado pela bela figura que vê nas águas cristalinas da fonte. O amor incontido o leva a tentar em vão abraçar a criatura e beijar-lhe os lábios. Narciso não compreende porque o jovem amado que tão perto de si parece estar, que em tudo parece corresponder-lhe, repetindo-lhe os gestos amorosos, revelando no rosto igual ânsia, ao mesmo tempo lhe escapa, não se corporifica em seus braços.

Num segundo momento, Narciso percebe que aquele que ele vê e ama era ele mesmo, era sua imagem refletida na fonte. Vejamos a respeito os versos de Ovídio⁶:

*Esse soy yo; lo senti e no me engaña mi imagem;
por amor de mi, soy quemado, y las llamas nuevo
e suporto.*

(Ovídio, LIII, versos 463 e 464)

Instalou-se a dor em Narciso - outro tema que apontamos no mito.

Novamente transcrevemos Ovídio:

*Que haré? Ser rogado o rogar? Que rogaré em
andante?*

*Lo que ansio, está conmigo; inope me hizo a mi la
abundancia.*

(Ovídio, LIII, versos 465 e 467)

É este o momento em que Narciso toma consciência de que seu amor é impossível. A dor juntou-se a consciência e a loucura, que, ao nosso ver, em Narciso apresentam-se — paradoxo — justapostas e inseparáveis.

A loucura de Narciso é querer ser, ao mesmo tempo, si e seu duplo, ele próprio e sua imagem. É querer ser o outro sem deixar de ser ele próprio, é querer transformar-se em dois sem deixar de ser uno.

Ah, ojalá de nuestro cuerpo apartar-me pudiera!

(Ovídio, LIII, verso 467)

Sua loucura é desejar um amor que nasce sob a impossibilidade de fluir. Loucura por recusar o amor objetual, por ser averso ao contato com um outro que não seja ele próprio, loucura por deixar de inserir-se na cadeia de significações humanas.

A consciência de sua condição torna-o infeliz. Em Narciso revela-se o paradoxo da coexistência da consciência e da loucura. A consciência da impossibilidade do amor não o impede de permanecer ali, junto à imagem do si/amante. Entregue ao louco e desesperado amor, permanece junto à fonte até que sucumbe aos golpes que desfere sobre seu peito sem vestes. Extenuado, seu rosto já não mostra o antigo rubor, seu corpo não exhibe a mesma força e vigor. Exaurido, entrega a cabeça à relva fresca e lá encontra a morte.

Os versos 460 e 470 de Ovídio anunciam assim a morte de Narciso:

*Y ya el dolor las fuerzas quita, e yo, de mi vida,
luengos tempos me quedam, y em la edade primera
me extingo.*

A morte, último tema por nós apontado, apresenta-se. A morte parece ser o único caminho, caminho sem volta do amor de Narciso por si mesmo.

⁶ Ovídio, *Metamorfosis*, ed. Universidade nacional Autónoma do México, 1979.

A visão da imagem refletida de si repete no mito de Narciso o perigo, a ameaça, o destino mortal que já anunciara em outros mitos dos povos antigos.

7. Narciso e Balduin: uma articulação

Após apresentarmos a estória de Balduin, o estudante de Praga, e o mito de Narciso, passamos ao exame de algumas relações que estabelecemos entre eles.

As duas estórias mostram elementos em comum, dentre os quais destacamos: a dor, a loucura, a negação do amor objetual e a morte, intimamente relacionados com a visão do Duplo.

Narciso não era capaz do amor objetual. Indiferente, desprezava o amor de todos os moços e ninfas que o assediavam. Rejeitara o amor que Eco lhe oferecera, preferindo morrer a entregar-se aos anseios da jovem apaixonada.

Também Balduin, indiferente, rejeita o amor de Lyduschka, abandonando-a à própria sorte. A interdição ao amor objetual faz-se presente tanto em Narciso quanto em Balduin. Em Narciso, ela se concretizava através do efeito de seu duplo, de sua imagem refletida que o aprisiona com seus encantos. O Duplo de Narciso o captura inteiramente. Narciso tem olhos apenas para admirar-se, para fascinar-se com seu reflexo. É o amor egóico, o amor do eu sem o tu, o amor do eu por si mesmo. O reflexo de Balduin interdita sua união com a condessa. Narciso é capturado pelos encantos de seu reflexo. Balduin é perseguido. Embora as ações sejam diferentes, os efeitos são semelhantes. Nenhum dos dois pode realizar o amor objetual.

A dor, o desespero, a loucura e a morte estão intimamente ligados em cada estória que preferimos articulá-los em bloco. Ante a impossibilidade de possuir o seu amado, Narciso sente dor imensa, que cresce à medida em que se acentua a consciência de que não pode ser ele mesmo e seu Duplo. Têm consciência de sua loucura: amar a si mesmo no outro que vê, desejar ser dois e ser uno, habitar o outro sem deixar de ser ele próprio.

Balduin também sofre a dor de não poder unir-se à condessa. Seu próprio reflexo se interpõe entre eles. Também para ele o amor se faz impossível, mas por causa da perseguição do Duplo. Essa perseguição o conduz ao desejo de dar cabo à própria vida. Sua loucura é procurar a morte para por fim a seus males.

Narciso, desesperado, golpeia o dorso nu até tombar morto na relva. Balduin dispara sobre o duplo a pistola com que planejava suicidar-se. Mas o destino o atraiçoa e, espantado, Balduin sente uma dor violenta no ombro esquerdo. A bala destinada ao Duplo atingira a si mesmo e, fulminado, Balduin tomba morto no chão.

Tanto em Narciso quanto em Balduin, o duplo cumpre dupla função: a interdição do amor objetual e a consumação da morte. Para ambos, o reflexo de si anuncia o perigo, a sina mortal. Em ambos repete-se a crença antiga que atrela a visão do duplo de si ao aniquilamento total da vida. Corroboram a visão terrorífica do duplo. Não há novidade, há repetição.

Talvez possamos pensar que o mito de Narciso traz uma novidade ao incluir a temática amorosa que, segundo Frazer (1982), não estava presente na lenda primitiva de Narciso. De acordo com o autor, Ovídio teria adocicado o mito original, nele incluindo o tema do fascínio amoroso e a presença de Eco amando narciso. Frazer prefere permanecer apenas com a temática terrorífica do mito, desprezando o tema amoroso.

Rank (1973) discorda de Frazer esclarecendo que a presença da temática amorosa junto com a temática terrorífica torna o mito mais completo. Concordamos com Rank e pensamos que a tradição filosófico-literária greco-romana na qual se insere Ovídio, tem se servido de tragédias onde o amor, o ciúme, a inveja e outras paixões da alma humana se entrelaçam para explicar a trajetória vida/morte. Nesse sentido, a visão do Duplo comporta a polaridade fascínio/terror apresentada na versão de Ovídio e confere ao mito a devida complexidade.

Essa complexidade reaparece no estudo de Freud sobre o Narcisismo, no século XX. O paradoxo do amor de si conduzindo à morte está de volta.

Narcisismo, superinvestimento da libido no próprio ego, pode, quando patológico, conduzir o sujeito à morte simbólica. O amor narcísico extremado impede o amor objetual e interdita ao sujeito a entrada na rede de significações humanas. E fora dela não há salvação para o homem.

Mas esse é outro estudo, num outro trabalho, *por vir*.

8. Bibliografia

FRAZER, J. G., *O Ramo de Ouro*, edição condensada, Zahar editores, Rio de Janeiro, 1982.

FREUD, S., Introducion al Narcisismo, in Obras completas, ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 3ª. edición, 1973.

OVÍDIO, P. N., *Metamorfosis*, ed. Universidade nacional Autônoma do México, México, 1979.

RANK, O., *Don Juan et Le Double*, Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1973.

Notas de aula da disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani no Curso de Especialização em Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise. UNICAMP. 1987.